



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

A REPRESENTATIVIDADE DOS LIVROS DE LEITURA DE AUTORES MARANHENSE NO JORNAL O PAIZ (1863 - 1889)

*Jarina Serra Santos¹ (UFMA) - jarinaserra1@gmail.com
Samuel Luis Velazquez Castellanos² (UFMA) - samuel.velazquez@ufma.br*

RESUMO

Trata sobre os livros de leitura que eram utilizados na instrução primária para o ensino da leitura produzidos por autores maranhense na segunda metade do oitocentos, o qual é originário das investigações feitas no projeto *A representatividade do livro escolar no Maranhão Império* realizado pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL). Objetiva analisar a representatividade dos livros de leitura de autores maranhense no jornal *O Paiz* no período de 1863 a 1889 e a influência destas obras na instrução pública e privada, através do mapeamento dos livros de leituras que foram noticiados e anunciados neste jornal e a representatividade destes discursos, bem como da comparação entre as obras identificadas. Trata de uma pesquisa de caráter documental que utiliza como fonte o jornal *O Paiz* (1863-1889), o qual está disponível no site da Biblioteca Nacional e se recorre às técnicas da Biblioteconomia para a organização e sistematização das informações extraídas da fonte, sustentando nossas análises nos fundamentos teórico-metodológico da História Cultural de acordo com seus três elementos indissociáveis. Possibilita nesta pesquisa a identificação de 33 livros escolares, dos quais, 10 são de autores maranhenses e, desse computo, 3 são livros de leitura: *O Livro do Povo* de Antonio Marques Rodrigues, *Livro dos Meninos* de Antonio Rego. Verificou-se que os livros de leitura de autores maranhenses foram representativos no jornal *O Paiz*, existindo uma diferenciação com relação às publicações sobre os livros que tem relação com os papéis sociais exercido por seus autores, pois aqueles que estavam inseridos em atividades educacionais como professores, diretores e até mesmos inspetores das instrução pública, bem como aqueles envolvidos com o meio jornalístico no oitocentos tiveram maior destaque das suas obras no jornal.

Palavras-chave: Livros de Leitura. História dos Livros. Imprensa Periódica. História do Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

A proposta desta investigação é resultado da participação nas atividades que estão sendo desenvolvidas no projeto *A representatividade do livro escolar no Maranhão Império* realizado pelo Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Maranhão

² Orientador



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Leitoras - NEDHEL³, que objetiva analisar a produção, circulação e indicações de uso dos livros escolares verificando sua representatividade na instrução do Maranhão Império e recebe o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

Esta pesquisa está situada no período da segunda metade do império, pois a produção local de livros escolares nas províncias se intensificou a partir desse momento, onde principalmente professores e intelectuais da época passaram produzi-los. Aliado a esta questão, outro fator que se destaca é a criação e circulação do jornal *O Paiz* (1863-1889) utilizado como fonte para esta pesquisa.

O oitocentos no Maranhão foi marcado pela intensa atividade da imprensa que era um importante veículo de propagação de ideias, onde estão registradas nas páginas dos jornais muito dos hábitos e costumes locais. Nesta direção, a problemática de nossa investigação consiste em perceber em que medida a produção e a circulação dos livros de leitura inscritos na imprensa maranhense na segunda metade do oitocentos terá influenciado no nível de representatividade destes suportes na instrução pública e privada? Tendo em vista o florescer da produção local dos livros escolares, entre eles, os livros de leitura e a imprensa enquanto fonte que fornece indícios da produção e distribuição destas obras.

Portanto, o nosso objetivo geral consiste em analisar a representatividade dos livros de leitura de autores maranhense no jornal *O Paiz* e a influência destes suportes na instrução pública e privada no período de 1863 a 1889, ou seja, compreender o que foi e como foi publicado no jornal sobre os livros de leitura, aqui entendidos como aqueles que estavam destinados ao ensino da leitura e da escrita (ARROYO 1968).

Para tanto, localizar, identificar e mapear os livros de leitura registrados na imprensa local é o primeiro objetivo específico, a fim de obter-se o número de títulos que foram publicados neste jornal e como estas mensagens foram veiculadas. Utilizamos para este fim, quadros sinópticos para a transcrição das mensagens que nos permitiram a sistematização das informações encontradas no jornal.

³ O NEDHEL foi criado em 2005 e objetiva desenvolver estudos, pesquisas produzir inventários sobre História da Educação, História do Livro e da Leitura no Maranhão (CASTELLANOS, 2015).



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Analisar as representações implícitas nos discursos sobre os livros de leituras inscritos na imprensa se constitui nosso segundo objetivo específico, uma vez que as mensagens ou anúncios publicados pelo jornal contêm intencionalidades distintas e possibilitam revelar diferentes formas de apropriação destes objetos a partir da natureza dos registros.

O terceiro objetivo específico consiste em descrever e comparar os livros de leitura de autores maranhenses com base nas informações extraídas do jornal. Assim, cada obra, segundo as intencionalidades dos discursos registrados sobre elas, parecem ter recebido tratamento diferenciado n' *O Paiz* de acordo com os interesses dos sujeitos envolvidos na produção do livro e das publicações da folha.

Utilizamos como abordagem teórico-metodológica nesta investigação a História Cultural que “tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1988, p.16), com base nos três elementos indissociáveis elaborados pelo autor: a história dos objetos na sua materialidade; a história das práticas nas suas diferenças e; por último, a junção destes dois eixos numa forma mais ampla de compreender as formações sociais, as mudanças nas estruturas psíquicas e as armaduras conceituais nas suas variações históricas.

Para a pesquisa documental utilizamos o jornal *O Paiz* como fonte. A definição para a escolha deste jornal se deu com base no *Catálogo de Jornais da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821 – 2007*, levando-se em conta critérios como o tempo de duração e a continuidade nas suas edições, uma vez que muito dos jornais que surgiram no Império no Maranhão não conseguiram manter sua publicação por um longo período, .

2 A IMPRENSA MARANHENSE NA SEGUNDA METADE DO OITOCENTOS

A imprensa maranhense no oitocentos foi um campo muito fértil que fomentou a produção de textos por meio da literatura, disputas políticas com a publicação de informações que defendiam certo posicionamento e influenciavam o leitor, o comércio com a divulgação dos produtos e serviços locais, nacionais ou oriundos do exterior. Esta província foi uma das que teve maior produção de jornais neste período que se deu em decorrência da efervescência política e cultural, bem como pelo fato de que do Maranhão surgiram intelectuais e homens voltados para as letras que se engajaram na produção de periódicos (CASTELLANOS, 2012).



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Sobre essa intensa produção Serra (2001, p. 10) afirma que: “A imprensa da província do Maranhão [era] uma das mais notáveis do império, quer pela importância política que exerceu, quer pelo valor literário dos que nela militaram”.

Ao tratar da imprensa maranhense, Costa (2013) ressalta que a província fez parte de um grupo seletivo das que possuíam tipografias na primeira metade do século XIX influenciando posteriormente na impressão e a circulação das obras produzidas por maranhenses que figuravam lugar de destaque na elite intelectual brasileira. De acordo com o levantamento realizado por Castellanos (2017), foram produzidos cerca de 300 jornais durante o século XIX no Maranhão.

Nesse sentido, os jornais desempenharam um papel fundamental para o desenvolvimento político e cultural da província e exerciam influência sobre a opinião pública e o meio intelectual em São Luís. Sendo assim, *O Conciliador Maranhense* foi o primeiro jornal publicado no Maranhão. A sua primeira edição foi lançada em 1821, antes mesmo da chegada da primeira prensa tipográfica, e por conta disso foi publicado como manuscritos por alguns meses até a chegada das máquinas, quando então passou a ser impresso. (MARTINS, 2010).

A imprensa retratava por meio de suas páginas o cotidiano, noticiando o que estava acontecendo na sociedade, os costumes e os hábitos dos maranhenses (CASTELLANOS, 2012). Discutia-se também a respeito da produção e distribuição dos livros escolares onde foi possível perceber de uma forma mais geral, a relevância do livro e da leitura para a sociedade, bem como, de forma mais específica a respeito de cada título noticiado, por meio das opiniões que os redatores expressavam.

Os editores que tiveram maior destaque no Maranhão foram Belarmino de Mattos e Corrêa de Frias. Para Serra (2001, p. 16) B. de Mattos foi “[...] o editor das mais noticiosas obras que se publicaram no Maranhão”. O interesse deste grupo em relação a produção dos livros didáticos se deu por conta da sua lucratividade uma vez que possuíam um público específico e com uma demanda crescente no século XIX. Assim “A importância comercial do livro didático fez com que os editores passassem a considerá-lo como ‘a carne’ da produção de livros em contraposição às obras de literatura ou ‘científicas’” (BITTENCOURT, 2008, p. 81). Outro fator que está relacionado ao interesse da divulgação das obras na imprensa são as



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

funções exercidas pelos autores dos livros, alguns deles também redatores de importantes jornais, como é o caso de Antonio Marques Rodrigues e Antonio Rego.

Desta forma, a imprensa maranhense foi um dos principais veículos no século XIX de vulgarização dos livros dando a conhecer à sociedade maranhense a produção de obras literárias, de livros escolares, de livros religiosos, entre outros, dos autores locais em especial, bem como de nacionais e estrangeiros. Neste vasto meio jornalístico, *O Paiz* foi um dos que contribuíram para tal divulgação, e que nos permite hoje a realizar uma aproximação ao passado do universo dos livros escolares.

2.1 *O Paiz*: órgão especial do comércio

O jornal *O Paiz*, inicialmente, foi selecionado como fonte de análise desta pesquisa por dois fatores: primeiramente quanto a sua durabilidade, pois muitos jornais maranhense permaneceram pouco tempo em circulação; segundo pela disponibilidade de acesso digital, que neste caso se deu no site da Biblioteca Nacional. Destarte, os arquivos digitais permitem ao pesquisador uma flexibilidade de acesso ao documento, pois a qualquer horário e na maioria das vezes sem necessitar se deslocar consegue obter a informação que necessita, sendo assim “Tais tecnologias tem alargado o conceito de fonte e de instituições, como arquivos, bibliotecas e museus, e propiciado o acesso a uma diversa e variada documentação, antes restrita a um espaço geograficamente mapeado.” (CASTRO, 2017, p. 248).

Este periódico começou a circular no dia primeiro de maio de 1863, porém só foi possível ter acesso no site da Biblioteca Nacional a partir da edição de número 4 do dia doze de maio do mesmo ano, tendo como redator e fundador Themístocles Aranha (ARAÚJO, 2014). Themístocles da Silva Maciel Aranha nasceu em 8 de agosto de 1837 na freguesia de São Joaquim do Bacanga, estudou no Liceu Maranhense e na Escola Central na capital do Império, porém não consegue concluir os estudos por motivo de saúde e então regressa a São Luís. Aos 20 anos inicia uma dupla jornada onde funda o Colégio São João Batista e se revela exímio professor, só deixando de exercer a profissão para dedicar-se à atividade jornalística. Em 1863 funda o jornal *O Paiz*. Atuou entre os anos de 1869 a 1870 como deputado da Assembleia Legislativa Provincial pelo partido conservador. Posteriormente assume a presidência da Associação do Comércio. (VIVEIROS, 1954).



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Sobre a importância deste periódico para a sociedade maranhense Serra (2001, p. 40) afirma que “exerce[u] decidida influência na opinião pública maranhense e goz[ou] na praça de São Luís do melhor conceito”. Serra (2001), ainda, tece agradáveis elogios ao seu redator e proprietário ressaltando a sua habilidade jornalística qualificando-a como calma, substanciosa e cortês, que “punga pelo bem da Província” e estava sempre pronto para animar talentos novos.

Este jornal passa por três momentos distintos durante a sua trajetória. A primeira fase que vai de 1863 até 1884 sob o comando de Themístocles Aranha, que encerra sua carreira no meio jornalístico por conta das muitas dívidas contraídas para viabilizar a publicação da folha, “Isto obrigou-me a sacrifícios enormes, até que, esgotado todos os meus recursos, veio a sociedade em comandita amparar o jornal” conforme destacou Jorge (2008, p. 270) sobre Themístocles. A segunda fase dura pouco tempo, apenas oito meses no ano de 1885, no qual o objetivo maior era sanar as dívidas contraídas para a publicação da folha. Esta tentativa não obteve o resultado esperado, e permaneceu com saldo negativo o que obrigou a venda do jornal. Sobre esse período de dificuldades pelo qual passou Viveiros (1951, p. 362) afirma que:

Lutou sempre com dificuldades, que foram se agravando dia a dia, até que se viu na contingência de aceitar do comércio auxílio tão insistente quanto espontâneo. Transformou- se por isso em uma sociedade por cotas. Findo um ano, e verificado ainda prejuízo, a empresa entrou em liquidação.

A terceira fase teve início no ano de 1886, quando por meio de um leilão Inácio Parga compra a folha por 6.100\$000 em nome do Partido Conservador, mas com a persistência das dificuldades financeiras encerra sua atividade em 1889 (VIVEIROS, 1951). Neste período se fundiu a outros dois jornais *O Publicador maranhense* e a *Província*, medida que não foi suficiente, gerando ainda novos problemas, pois ele não voltou a ter a mesma qualidade de antes quando estava sob a redação de Themístocles Aranha: “este, porém, ficou longe daquele, apesar de ser a fusão de três jornais — “Província”, “País” e “Publicador Maranhense” [...] É que lhe faltava o espírito de Themístocles Aranha. Perlustrar-lhes as páginas é verificá-lo.” (VIVEIROS, 1951, p. 364). Ao justificar o declínio do jornal *O Paiz* favorecido pelo acúmulo de dívidas que acabou levando-o ao encerramento de suas atividades Pereira (2015, p.43) afirma que “[...] numa sociedade escravocrata decadente, com um



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

mercado consumidor e um público leitor restrito, era difícil a possibilidade de sobrevivência de uma empresa no setor de comunicação”.

Em seu primeiro ano de circulação sofre uma mudança de subtítulo, onde Viveiros (1951, p. 363) explica as razões pelas quais ela ocorreu: “Themístocles Aranha havia sido convidado pelos dirigentes da Associação Comercial para tornar o seu jornal um órgão de divulgação daquela entidade no Maranhão”. O subtítulo utilizado até o convite da Associação do Comércio era “Jornal Catholico, litterario, Commercial e Noticioso” e passou a adotar “ORGÃO ESPECIAL DO COMMERCIO”. Ao consultar o site da Biblioteca Nacional localizamos que tal mudança se deu no número 32 de ano I em 1863.

Sobre as colunas deste jornal, Pereira (2015) caracteriza as sete seções que o formavam e os assuntos que elas tratavam: a primeira delas é a seção oficial que abordava o expediente burocrático da administração provincial; na parte religiosa eram publicados temas relativos à Igreja Católica a nível local, nacional e internacional; as publicações gerais era uma coluna em que discutiam temas diversos, bem como o canal de participação dos leitores; o noticiário estava voltado para debates entre os deputados da assembleia provincial assim como os acontecimentos cotidianos como a segurança da capital e do interior, festas religiosas, publicações de livros e notícias do exterior; a parte comercial com a movimentação do comércio, as mudanças de preços e o mercado dos produtos exportados e importados, por fim, na última página eram publicados os anúncios.

Embora *O Paiz* tenha sido um importante jornal maranhense, enfrentou inúmeras dificuldades para o seu funcionamento o que provocou várias mudanças, pois de acordo com Araújo (2014) não tinha uma tipografia própria e era impresso na B. de Mattos, e como já sinalizado, a questão financeira provocou o afastamento do seu redator e fundador e, posteriormente, o encerramento de suas atividades.

Mesmo com esse afastamento, a segunda fase pelo qual passou o jornal e as inovações que precisou fazer, em 1885, ainda preservaram o que havia sido construído por Themístocles, especialmente, quanto ao seu compromisso em manter-se como um órgão do comércio. O redator que então assumiu esta folha foi o Dr. Francisco de Paula Belfort Duarte.

Porém, mesmo com estes recursos empreendidos na tentativa de recuperar-se financeiramente, não foi suficiente, provocando a venda do periódico que inaugurou a terceira fase. Na terceira fase, o que pode ter sido em decorrência de sua junção com o *Publicador*



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Maranhense e a *Província*, acaba a sua ligação ao comércio, bem como não se percebe mais as influências de seu fundador, o que para Jorge (2008) caracterizou o fim do jornal, criando-se outro, apesar de não ter mudado o título. Teve como redatores nesta última fase Antonio Jansen de Mattos Pereira, Francisco José Viveiros de Castro e Raimundo Abílio Ferreira Franco.

Com isso, vemos nas duas últimas fases, fatores decisivos que podem justificar a escassez de informações sobre os livros escolares, pois uma vez que não era mais impresso pela Belarmino de Mattos não havia mais uma razão tão forte que justificasse a expressiva publicação sobre os livros de leitura, bem como a saída de Themístocles da redação significou também o rompimento com alguns contatos.

3 OS DISCURSOS SOBRE OS LIVROS DE LEITURA NAS MATÉRIAS DO JORNAL *O PAIZ*

Os livros de leitura na concepção de Arroyo (1968, p. 170) são “[...] destinados ao início da escolarização, são na prática, cartilhas, sendo destinados ao aprendizado da leitura, como o caso da série “Livros de Leitura” de Abílio César Borges.” O grupo dos impressos que compõe o livro didático ou o livro escolar podem assumir formas distintas, entre os quais: “compêndios de diferentes disciplinas escolares, cartilhas, silabários, livros de leitura, resumos, antologias, livros do professor, catecismos, apostilas.” (BITTENCOURT, 2016, p.116).

Portanto, o livro pode ser entendido como um objeto portador de traduções mentais que vai induzir e pautar ações dos alunos enquanto receptores dos conhecimentos e dos professores responsáveis por mediar o acesso a esse conhecimento (PESAVENTO, 2012). O imaginário corresponde a “[...] um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo. (PESAVENTO, 2012, p. 43). O livro é uma materialidade onde estão registradas tais representações, pois comporta e propaga em si, as crenças, as ideologias, os conceitos e os valores da época.

Ao tratar desta temática, Oliveira e Souza (2000, p. 26) descrevem as funções do livro escolar: “[...] compreendia um objeto cultural e era, ainda, um instrumento de ensino da língua e da leitura e um auxiliar do trabalho docente.” Dessa forma, eles também podem ser entendidos enquanto objetos que fazem parte da cultura material escolar; “[...] um conjunto de



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

objetos utilizados no cotidiano, nos diferentes espaços-salas de aula, laboratórios, bibliotecas e outros que contribuíram no processo de ensino aprendizagem e na administração dessas instituições” (CASTRO; CASTELLANOS, 2013, p. 179).

Para Barros (2003) a cultura material é composta por objetos oriundos do cotidiano que a história cultural passa a tomar como objeto de estudo. Os livros de leitura enquanto cultura material passaram a ser instigados, tanto na sua dimensão material (quando nos referimos a sua produção, estrutura e demais características físicas que naquele dado momento configuram um livro); quanto na imaterial, referente aos conceitos e às ideias presentes neste suporte.

No jornal *O Paiz* poucos livros escolares foram noticiados em suas páginas. Foram encontrados no mapeamento 32, mas apenas 4 deles tiveram seus títulos publicados em matérias: *Metrologia Moderna* do Dr. João Antonio Coqueiro (5 ocorrências); *O Livro do Povo* de Antonio Marques Rodrigues (5); o *Livro dos Meninos* do Dr. Antonio Rego (3); e a série dos *Livros de Leitura* do Dr. Abílio Borges (1). O restante das obras aparece no jornal como anúncios de venda.

A princípio estes dados podem parecer pouco representativos, uma vez que durante 26 anos de existência do jornal e em um universo de 32 obras, apenas 4 foram noticiadas 9 vezes; porém quando verificamos a quantidade de anúncios percebemos que estes objetos são largamente divulgados, chegando a aparecer 3 livros escolares em uma mesma página de anúncios de uma única edição do jornal. Tendo em vista que a finalidade era a divulgação das obras para que pudessem ser compradas, compreendemos a razão pela qual a quantidade de anúncios é superior à quantidade de notícias, uma vez que anúncios se constituem como o meio pelo qual se promove a divulgação e a venda de um produto.

Os livros de leitura de autores maranhenses identificados n’*O Paiz* dizem respeito ao *Livro do Povo* de Antonio Marques Rodrigues, ao *Livro dos Meninos* de Antonio Rego. As notícias referentes ao livro de leitura foram encontradas em várias colunas deste jornal, a exemplos da coluna publicações gerais, ciencias, artes e litteratura, variedades, noticiário, entre outras.

Tais mensagens podem ser entendidas como registros passíveis de resgate das sensibilidades que são “[...] as formas pelas quais os indivíduos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de traduções da realidade por meio das emoções e dos



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

sentidos.” (PRESAVENTO, 2012, p.57). A forma como n’O Paiz se publicava é permeada por expressões que o enaltecem, recomendam seu uso e incentivam a sua aquisição e leitura. Em sua maioria, saíam após as novas obras ou novas edições, trazendo uma ideia positiva com respeito ao livro e ao autor, e destacando-se como poderiam ser úteis ao ensino e como seus autores eram homens letrados, possuidores de uma moral e saber inquestionáveis.

As matérias no jornal *O Paiz*, tanto sobre o *Livro dos Meninos* como d’*O Livro do Povo*, são representações construídas social e historicamente (PRESAVENTO, 2012). Sobre o *Livro dos Meninos*, elas estavam diretamente ligadas ao apelo comercial, na medida em que a obra pertencia à mesma tipografia onde era impresso o jornal, o qual foi utilizado como uma espécie de vitrine para a exposição e vulgarização do livro dando-o a conhecer aos leitores deste periódico, uma vez que, “Representar é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência. A ideia central é, pois, a da substituição, que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença” (PRESAVENTO 2012, p. 40)

Para Barros (2003) as representações podem ser apropriadas ou imprimidas em uma direção socialmente motivada o que tem a ver com a ideologia, como forma de construir e organizar as representações já existentes associadas a um sistema de valores por onde são exercidos o poder e o controle social sobre a sociedade. Assim a divulgação d’*O Livro do Povo* no jornal era predominantemente sobre as doações realizadas na capital e no interior da província, com o intuito de promover as ações governamentais.

Essas questões nos levam a perceber práticas culturais distintas que influenciaram na estrutura e disposição das notícias nas páginas do jornal causando uma variação entre as mensagens referentes aos dois livros. Barros (2003) destaca que a história cultural tem interesse também nos meios pelos quais se transmite e produz cultura, denominando-as por práticas culturais que são produzidas, tanto no momento da produção de um objeto cultural, quanto na sua recepção.

No que diz respeito ao *Livro dos Meninos*, as notícias são mais extensas seus títulos remetem de imediato ao objeto e deixava claro sobre qual obra estavam tratando, os anúncios ocupavam mais espaços ou eram maiores que os demais. A forma como era permeada por expressões que o enaltecem, recomendam seu uso e incentivam a sua aquisição e leitura: “Um novo livro, um bello livro, mimosa e proveitosa offerta à mocidade do paiz,



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

acaba de sair á luz. Este trabalho *primoroso e inquestionavelmente util*, é destinado ao curso de instrução primaria” (O PAIZ, 1864, p. 2, grifo nosso). Em se tratando d’*O Livro do Povo*, das cinco notícias, apenas uma o abordou como assunto central, nas outras era coadjuvante, pois a temática principal eram as doações, possuíam textos curtos e objetivos com a finalidade de informar a quantidade de livros e a escola de destino.

Contudo, é comum nas matérias a associação e comparação entre o *Livro dos Meninos* e o *Livro do Povo*, que foram concebidos para o mesmo público e com a mesma finalidade, o que poderia levar a uma disputa e torná-los antagônicos. Porém, na contramão dessa lógica e na procura de produzir-se uma legitimidade social e o reconhecimento anelado, acabaram associando-os: o *Livro do Povo* já estava sendo utilizado na instrução primária e gozava de boa reputação e aceitação na sociedade maranhense, quando a segunda obra se pauta nesta imagem consolidada como forma de alcançar prestígio.

Os livros que eram destinados à leitura geralmente estavam associados à difusão de outros saberes, em especial, o da religião e moral, neste sentido, “à leitura, [...] parecia ser atribuído um duplo papel: de um lado, um meio para adquirir os demais conhecimentos e, de outro, um saber em si mesmo, cujo ensino era voltado para a aquisição das habilidades de leitura oral” (GALVÃO, 2007, p. 10). Desta forma, esses assuntos ocupavam um lugar central nas discussões sobre a instrução, pois o ensino deste tipo de conteúdo era parte do movimento de construção do Estado Imperial no intuito de garantir a unidade do país (GARCIA, 2005). Além disso, era uma forma de exercer o poder simbólico que consiste no controle da vida social e se estabelece em uma relação histórica de forças (PESAVENTO, 2012).

Assim, enquanto detentores do poder a igreja e governo da província vão impor seus interesses, tanto por meio do controle dos conteúdos dos livros, quanto por meio das matérias no Jornal *O Paiz*, que era assumidamente associado aos interesses destes grupos, pois “poder simbólico consiste no controle da vida social e se estabelece em uma relação histórica de forças” (PESAVENTO, 2012). Portanto, conseguem orientar o gosto e a percepção por meio destas imposições, vão definir quais serão os adequados para o ensino a partir dos conteúdos que abordam, os quais se pautam nos valores e normas por eles estipulados, fazendo crer que para alcançar o progresso, os cidadãos deveriam agir e se comportarem de acordo com suas determinações, como expresso abaixo:



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

Occupar-se da instrução é atarefar-se de uma grande obra, é trabalhar no presente, não para o presente somente e para seus membros vivos de hoje; é deixar no tempo á posteridade um legado precioso, levar para as gerações que de pé e sobre o tumulto do actual, se têm de erguer, afim de continuarem a grande missão do homem, na vida da perfeitabilidade e do progresso.

É isto o que distingue o ser dos seres terrestres, deixando após elle traços mais ou menos visíveis, em sua passagem, mais ou menos luminosos. E é pelo trabalho que se pode avançar para o grande fim; o trabalho que não é, como outr'ora se supunha, em castigo e uma punição infligida à humanidade, porque o trabalho é uma lei imposta como estímulo e como meio, de exaltal-a, de glorifical-a, não como degradação e abatimento.

Occupar-se da infância, é como ocupar-se de um mundo novo que tem de funcionar mais tarde; e procurar os meios de estabelecel-a, de melhora-a. (deteriorado). (O PAIZ, 1864, p.2.)

Neste sentido, a importância da instrução consistia na contribuição para alcançar o progresso e a perfeitabilidade, era um meio pelo qual poderiam exercer o controle social e moldar a sociedade de acordo com os seus padrões. Fica evidente que a divisão social consistia na distinção entre os letrados e os que não possuíam instrução, sendo uma forma de diferenciação entre o ser e o ser terrestre. Essa divisão resulta em uma classificação dos indivíduos na sociedade maranhense, onde aqueles detentores destes conhecimentos contribuiriam para o avanço da província enquanto que o outro grupo representava um atraso. Portanto se alcançaria esses ideais por meio de trabalho entendido como um valor que defini os papéis sociais.

4 CONCLUSÃO

Para tratar sobre livros de leitura de autores maranhenses fazendo-se uso de história cultural foi importante compreender o suporte pelo qual as informações sobre eles eram veiculadas, no que diz respeito à estrutura física, às questões que discutiam e quem estavam por traz da publicação do jornal; tudo isso para que pudéssemos nos aproximar das intenções, dos interesses e da importância de se publicar sobre essas obras no Maranhão do século XIX. Nessa lógica, nos aprofundamos em cada notícia e anúncio veiculado *n'O Paiz* sobre os livros de leitura para entender as razões e o que significou o cômputo de todas as publicações das obras localizadas, na tentativa de analisar e avaliar a sua representatividade.

O mapeamento dos livros de leitura elaborado a partir das informações extraídas *d'O Paiz* foi imprescindível, uma vez que nos possibilitou a apreensão do movimento de publicações sobre os livros e os assuntos que abordavam, além da compreensão do objeto de



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

pesquisa. A maior limitação encontrada nesta etapa se refere à deterioração da fonte, que nos impossibilitou a recuperação de possíveis informações sobre os livros de leitura especialmente na década de 1870.

Com respeito às representações implícitas nos discursos sobre os livros de leituras percebemos que as matérias no jornal *O Paiz* com relação a *O Livro do Povo* era uma forma de propagar as ações do governo, tendo em vista que seu autor foi inspetor da instrução pública. Em se tratando do *Livro dos Meninos* estava voltada para questão comercial, pois era impresso na mesma tipografia do jornal e este veículo funcionou como vitrine para a divulgação da obra para a sociedade maranhense.

Por outro lado, n' *O Paiz*, a notoriedade que *O Livro do Povo* possuía foi usada a favor da divulgação do *Livro dos Meninos*, mesmo que pertencessem a tipografias concorrentes (a de Correia e de Frias). Se pensarmos na frequência dos anúncios sobre as obras, *O Livro do Povo* surge três vezes a mais; no entanto, os anúncios do *Livro dos Meninos* são bem maiores e mais elaborados, favorecendo o destaque nas páginas, bem como a maior concentração de informações no período, se comparado à obra de Antônio Rodrigues.

Ao fim desta investigação, percebemos que os livros de leitura não eram objetos neutros. Seus conteúdos transmitiam ideais e a sua produção, circulação e divulgação nos jornais estava veiculado a interesses que não eram direcionados apenas à construção de uma sociedade letrada, mas de acordo com as intenções dos sujeitos envolvidos. Portanto, podemos afirmar segundo os dados expostos e analisados que os livros de leitura de autores maranhenses mapeados n' *O Paiz* foram representativos, pois circularam em matérias e anúncios no jornal que indicaram a sua adoção, distribuição, bem como a vasta produção apontando para a importância deste objeto para a instrução no oitocentos, bem como os meios pelos quais autores e tipógrafos impulsionaram o consumo dos livros escolares na instrução local.

ABSTRACT

It deals with the reading books that were used in the primary education for the teaching of reading produced by Maranhão authors in the second half of the eighties, which originates from the investigations made in the project The representativeness of the school book in Maranhão Império carried out by the Núcleo de Estudos e Documentação in History of Education and Reading Practices (NEDHEL). It aims to analyze the representativeness of Maranhense authors' reading books in the newspaper *O Paiz* from 1863 to 1889 and the



XII ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

influence of these works in public and private education through the mapping of the books of readings that were reported and announced in this newspaper and the representativeness of these discourses, as well as the comparison between the works identified. It is a documentary research that uses as a source the newspaper *O Paiz* (1863-1889), which is available on the website of the National Library and uses the techniques of Library Science to organize and systematize information extracted from the source, sustaining our analyzes in the theoretical-methodological foundations of Cultural History according to its three indissociable elements. It allows the identification of 33 school books, of which 10 are from Maranhão authors, and from this compute, 3 are reading books: *The Book of the People* by Antonio Marques Rodrigues, *The Book of the Boys* by Antonio Rego. It was verified that the reading books of Maranhão authors were representative in the newspaper *O Paiz*, there being a differentiation in relation to the publications about the books that have relation with the social roles exerted by its authors, since those that were inserted in educational activities like teachers, directors and even inspectors of public education, as well as those involved with the news media in the nineteenth century had greater prominence of their works in the newspaper.

Keywords: Reading Books. History of Books. Periodic Press. History of Maranhão.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. S. A imprensa no Maranhão na segunda metade do século XIX: estado imperial, jornais e a divulgação da guerra do Paraguai para um público leitor. **Dimensões**, Piauí, v. 33, 2014, p. 360-383, 2014 Disponível em: <periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/9110/6416>. Acesso em: 28 abr. 2018.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**: ensaio de preliminares a sua historia e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968. 248 p.

BARROS, J. A. **História cultural**: um panorama teórico e historiográfico. Textos de História, v. 11, n. ½, 2003.

BITTENCOURT, Circe. História dos livros escolares o Brasil: produção e circulação. In: CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez; CASTRO, César Augusto. (Org.) **Livro, leitura e leitor**: perspectiva histórica, São Luís: Café & Lápis; EDUFMA, 2016. p. 115 – 138.

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar**: 1810-1910. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. **O livro escolar no Maranhão Império (1821-1889)**. São Luís: EDUFMA; Café & Lápis, 2017.

CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. Os livros escolares nos jornais maranhenses no período imperial. In: CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez; FELGEIRAS, Margarida Louro (Org.). **Escritos da História da Educação**: Brasil e Portugal. São Luís: Café & Lápis, 2012, p. 63-82.



*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*

CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. A representatividade do livro escolar no Maranhão Império. Projeto apresentado ao Programa de bolsa de iniciação da UFMA, São Luís, 2015.

CASTRO, Cesar Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez (Org.). **A escola e seus artefatos culturais**. São Luís: EDUFMA, 2013. 224 p.

CASTRO, César Augusto. Arquivos e fontes na história da educação. In: GONDRA, José Gonçalves; MACHADO, Maria Cristina Gomes; SIMÕES, Regina Helena Silva (Org.). **História da educação, matrizes interpretativas e internacionalização**. Vitória: EDUFESS, 2017.p. 227-252.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difel. p. 13-67. 1988.

COSTA, Odaléia Alves da. **O Livro do Povo na expansão do ensino primário no Maranhão (1861-1881)**. 2013. 210 p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo 2013.

FERREIRA, Luís Otávio. Uma interpretação higieista do Brasil Imperial. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, civilização e Império nos Trópicos**. Rio de Janeiro: Acess, 2006.

JORGE, Sebastiao. **Imprensa do Maranhão no século XIX 1821-1900**. São Luís: EDITORA, 2008.

OLIVEIRA, C. R. G. A. de; SOUZA, R. F. de. As faces do livro de leitura. **Caderno CEDES**. 2000, v, 20, n, 52, p.25-40. Disponível em:<<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. O ethos escravistas e as armadilhas da emancipação escrava no Brasil: nuances da experiência no Maranhão. In: CURY, Claudia Engler; GALVES, Marcelo Cheche; FARIA, Regina Helena Martins de (Org.). **O Império do Brasil: educação, impressos e confrontos sociopolíticos**. São Luís: Café &Lapis; Editora UEMA, 2015, p. 413-452.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, 132 p.

SERRA, Joaquim. **Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão**. 3. ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

VIVEIROS, Jerônimo de. **História do comércio no Maranhão**. São Luís: Associação Comercial, 1954.



XII

ENCONTRO
MARANHENSE DE
HISTÓRIA DA
EDUCAÇÃO

*Intelectuais na História da Educação:
trajetórias, espaços e contextos*

21 a 24 de maio | 2019

*Cidade Universitária - UFMA | Campus do Bacanga
São Luís - MA | Brasil*